

Imagens de transformação: o fotojornalismo do Clube do Bang Bang e os últimos dias do regime de Apartheid, 1990-1994

Raquel Gryszczenko Alves Gomes

Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP)
raquel8755@gmail.com

Resumo: Este artigo é um mapeamento inicial dos impactos do fotojornalismo do grupo que ficou conhecido como "O Clube do Bang Bang", na África do Sul, no período de transição entre o final da política de apartheid e as primeiras eleições democráticas no país, em 1994. Qual o papel assumido pelo registro fotográfico, com o senso de realidade que impõe àquilo que apresenta, na construção da memória política sul-africana?

Palavras-chave: África do Sul, apartheid, fotojornalismo, memória.

Abstract: This paper is an initial research effort focused on the *Bang Bang Club* - a group of four photojournalists who registered the political transition in South Africa between 1990 and 1994. Working between the final days of the apartheid regime and the first democratic elections held in the country, these photojournalists and their work offer an opportunity to reflect on the relations between the photographic register and political memory in South Africa. **Keywords:** South Africa, apartheid, photojournalism, memory.

Este artigo surge na contramão da prática usual de apresentar argumentos que derivam de pesquisas em processo de consolidação - ele nasce da necessidade de organizar ideias para a continuidade de um projeto mais amplo que dá, ainda, seus passos iniciais na tentativa de apreender detalhes do imbricamento entre produções culturais e resistência política na África do Sul, entre os anos de 1920 e 1994. É meu interesse discutir o campo das produções culturais como fundamental na consolidação de uma memória política sul-africana bastante específica, além de ser também espaço de apropriação e divulgação de grupos historicamente marginalizados. Neste artigo, em particular, deixo minha zona de conforto - as décadas iniciais do século XX - para atentar para o turbulento período compreendido entre os anos de 1990 e 1994, quando a África do Sul assistiu ao final do regime de apartheid e à transição para o regime democrático pautado no voto livre e universal.¹

A transformação das estruturas políticas e sociais do país é lembrada como um dos principais eventos do século XX – e intensificou a demanda, especialmente por parte da imprensa internacional, por registros dos dias que separaram a vigência de intensas políticas de segregação racial da instituição do regime democrático não-racializado. É neste período que se desenrolam as atividades do grupo de fotógrafos que ficou conhecido como *The Bang Bang Club* - ou o Clube do Bang Bang. O trabalho deste coletivo de fotógrafos, bem como o próprio período de transição política na África do Sul, expõem as tensões do regime segregacionista para além da leitura dicotômica de separação entre brancos e negros, dando a perceber a multiplicidade de agentes interessados em assegurar seus espaços políticos e sociais no território sul-africano.

Nas próximas páginas, esboço um breve panorama sobre aspectos fundamentais da África do Sul entre o final da década de 1980 e início dos anos 1990 - isso ajudará o leitor a entender, em seguida, o surgimento do Clube do Bang Bang, seus protagonistas e o papel que assumiram na composição da memória política daquele país ao extremo sul do continente africano.

¹ Para produções anteriores sobre o final do século XIX e as décadas iniciais do século XX na África do Sul, ver GOMES, Raquel G. A. *Uma feminista na contramão do colonialismo: Olive Schreiner, literatura e a construção da nação sul-africana, 1880-1902*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2013; GOMES, Raquel G. A. "Para quem contar sua história - *Mhudi*, de Sol Plaatje". *Transversos: Revista de História*, vol. 6, n. 6, 2016, pp. 36-51; GOMES, Raquel G. A. "Da lei e da terra: a consolidação da resistência nativa na União Sul-Africana a partir do Natives Land Act de 1913". *Locus: revista de história*, vol. 18, n. 2, 2013, pp. 181-201.

1.

As mudanças no cenário político sul-africano ocorridas no início da década de 1990 são desdobramentos diretos de alterações nas formas de resistência e oposição ao regime de apartheid que se intensificaram anos antes - a partir, especialmente, do final da década de 1960 e de meados da década de 1970. Essa nova face da resistência foi moldada, em grande medida, pelo aumento da quantidade e frequência das greves de trabalhadores, bem como pela ampliação dos movimentos estudantis pautados nas ações da *South African Students Association* - que, criada em 1968, após a ruptura com a *National Union of South African Students*, passara a promover discussões amplas sobre o enfrentamento da política de apartheid e a necessidade de reivindicação da plena cidadania para as populações negras.² Destaca-se, por exemplo, a atuação de Steve Biko e a promoção da "Consciência Negra": dialogando com o Movimento dos Direitos Civis, nos EUA, Biko explorava o aspecto de opressão generalizada da política de apartheid, incluindo no movimento da Consciência Negra também aqueles que eram classificados como *coloureds* e a ampla categoria dos que eram considerados não-brancos - excluindo todos aqueles que compactuassem com a estrutura do regime, como por exemplo os administradores dos bantustões e policiais negros.³

As tensões sócio-políticas entre estudantes e o regime de apartheid, intensificadas ao longo da primeira metade da década de 1970, foram alimentadas por diversos eventos anteriores - mas, em especial, pelos desdobramentos do *Bantu Education Act* (ou Ato de Educação Bantu). Promulgada em 1953, a lei tornou-se conhecida por colocar fim à relativa autonomia que ainda permeava o ensino nas escolas voltadas às populações negras - especialmente aquelas dirigidas pela atividade missionária. Condicionando o apoio governamental para essas escolas à adoção de um currículo pautado pela discriminação racial, o *Bantu Education Act* acabou por aprofundar ainda mais a diferença abissal entre o ensino oferecido crianças brancas e aquele oferecido às

² Destaca-se que a *South African Students Association* surgia da ruptura com a *National Union of South African Students* por considerar que este grupo orientava suas ações unicamente para a manutenção do privilégio branco na África do Sul. Muitas das ações que orientaram seu surgimento foram influenciadas também pelo movimento de efervescência estudantil que eclodiu em diversas partes do mundo ao longo da década de 1960.

³ Apesar de o movimento da Consciência Negra destacar o que entendia como aspectos específicos de uma cultura negra, evitava as marcas étnicas em suas reivindicações - não apoiando diretamente, portanto, organizações como o Inkatha, que se pautava na ideia de superioridade Zulu. Aspectos das ações políticas do Inkatha serão resgatados em páginas a seguir. Para mais sobre os diálogos com aspectos da história Zulu, ver GOLAN, Daphna. "Inkatha and Its Use of the Zulu Past". *History in Africa*. vol. 18, 1991, pp. 113-126.

crianças negras.⁴ Ao longo dos anos, diversas alterações foram feitas no texto original da lei - todas reforçando a ideia defendida pela política de apartheid de que os chamados "diferentes grupos humanos" que compunham o território sul-africano precisavam "desenvolver-se separadamente".⁵

Uma das mais marcantes alterações propostas pela legislação de ensino sul-africana foi colocada em 1975 e implementada efetivamente em 1976 - dizia respeito à língua em que o ensino seria oferecido nas instituições de ensino voltadas para alunos negros. A intenção do governo era a de diminuir consideravelmente as aulas oferecidas em inglês, inserindo mais disciplinas em *afrikaans* e em línguas africanas como o Zulu, Xhosa e Tswana. Se, por um lado, essa proposta encaixava-se perfeitamente com a ideia mais ampla do apartheid de promover de um "desenvolvimento separado" em que cada sociedade respeitaria seu "tempo de evolução"⁶ e não seria influenciada por aspectos da cultura de outros grupos, se constituía também como uma perigosa ameaça à crescente articulação política de movimentos como os da *African Students Association*, uma vez que privava os estudantes do contato com a principal língua de articulação política e divulgação da resistência à opressão segregacionista nos meios internacionais: o inglês. A medida também reforçava diferenças étnicas entre os negros - estabelecia, num plano ideológico, a ideia de que não poderia haver unidade num movimento que não compartilhava uma língua comum.

As reações à proposta não demoraram - e partiram da mobilização de estudantes de todos os níveis de ensino. Em 30 abril de 1976, os alunos da Orland West Junior School, em Soweto, decretaram greve.⁷ Sua ação logo chamaria a atenção de outros estudantes e escolas próximas,

⁴ Registros sobre essas diferenças no ensino indicam que, no final da década de 1970, o estado sul-africano gastava uma média de U\$ 900 na formação de uma criança branca, U\$ 440 na educação de uma criança de origem asiática, U\$ 250 com uma criança *coloured* e apenas U\$ 90 na formação de uma criança negra. Para mais informações, ver ESSACK, Karrim. "Fourth Anniversary of Soweto". *Economic and Political Weekly*, vol. 15, n. 28, 1980, pp. 1173-1174.

⁵ Para mais informações sobre as alterações na legislação de ensino na África do Sul, ver WESTLEY, David. "Language and Education in Africa: A Select Bibliography". *Comparative Education Review*, vol. 26, n. 3, 1992, pp. 355-367.

⁶ Westley resgata o discurso de um oficial de ensino, branco, que afirmava que "Deus desejou que existissem diferentes nações, cada qual com sua língua... cada língua materna é de acordo com a vontade de Deus." Cf. op cit, p. 358.

⁷ Importante lembrar que Soweto é uma das principais referências ao que a história sul-africana cunhou como as *townships*. Originadas dos grandes conglomerados urbanos que se formaram a partir dos deslocamentos populacionais promovidos pela indústria mineradora desde finais do século XIX, as *townships* cresceram às margens de cidades como Joanesburgo. Elas abrigavam todos aqueles cuja presença era considerada "não desejada" nesses grandes centros urbanos brancos. Com o passar dos anos, as *townships* tornaram-se sinônimos de áreas que não ofereciam infra-estrutura e serviços básicos à população. Para mais informações sobre o tema, ver MILLS, Glenn. "Space and power in South Africa: The township as a mechanism of control." *Ekistics*, vol. 56, n. 334/335, Space Syntax: Social implications of urban layouts. 1989, pp. 65-74.

que passaram a apoiar o movimento que se colocava não apenas contra a nova política de ensino que retirava o inglês das salas de aula, mas também contra a consolidação dos sistemas educacionais que privilegiavam abertamente estudantes brancos. No dia 16 de junho daquele ano, mais de dez mil pessoas se organizaram em uma marcha que corria pelas ruas de Soweto - carregavam faixas com dizeres como "Abaixo o *Afrikaans*" e "Para o inferno com o *Bantu Education*". A caminho do Orlando Soccer Stadium, estádio de futebol de grande destaque naquela região, o grupo foi abordado por policiais que tentaram, sem sucesso, parar a marcha. Era o encontro, nas ruas, entre uma população que dava voz às décadas de frustração por ser colocada constantemente em segundo plano nas políticas governamentais e uma força policial ansiosa e incrédula frente ao poder popular que marchava resolutivo. O evento, que deveria ser pacífico, transformou-se num embate tenso em que policiais incitavam seus cães sobre a população que marchava - e que passou a responder atirando pedras. Bombas de gás lacrimogêneo e tiros foram disparados contra a população, e a tensão logo se transformaria em uma guerra aberta entre estudantes, professores e a força policial. Foi neste embate que uma das fotos mais icônicas do século XX foi registrada - a da morte do estudante Hector Pieterse, então com treze anos de idade:



Figura 1 - Hector Pieterse carregado por Mbuyisa Makhubo, ao lado da irmã, Antoinette. Junho de 1976, registro de Sam Nzima.

A captura da imagem foi feita pelo fotógrafo Sam Nzima - que, na ocasião, trazia no pulso a identificação de membro da imprensa, e caminhava entre crianças e professores registrando a marcha. A chegada da polícia fez com que Nzima se deslocasse para a chamada "zona neutra" que se colocava entre aqueles que marchavam e a força policial que se aproximava: foi neste espaço reivindicado pela "neutralidade" que o fotógrafo registrou a tensão e violência do embate. Hector Pieteron foi atingido pelos primeiros disparos da polícia - Sam Nzima acompanhou sua queda e a pressa de Mbuyisa Makhubo, um estudante de dezoito anos, em colocá-lo no colo e correr em busca de ajuda. No registro de Nzima, é possível ver também Antoinette, irmã de Hector, acompanhando, em desespero, a busca por socorro. Foi no carro de um dos repórteres que cobriam o evento que o estudante de treze anos foi colocado e levado para a clínica Phefeni. Foi declarado morto ao chegar.

Enquanto isso, o fotógrafo Nzima seguia envolvido com o conflito nas ruas de Soweto. Escondera em sua meia o rolo de filme com o registro de Hector Pieteron sendo baleado e socorrido - e este foi o único rolo que não foi confiscado pela polícia, momentos depois. A imprensa, a princípio, titubeou quanto à publicação da foto que se tornaria emblemática do conflito, mas decidiu enfrentar os riscos que a circulação da imagem poderia trazer - como o fechamento de jornais e revistas, por exemplo, e a perseguição direta dos envolvidos pela polícia sul-africana.⁸ Ao decidir publicá-la, no entanto, a imprensa sul-africana passava a conferir um rosto de criança ao que poderia ter se tornado apenas mais um dado estatístico da ação policial sul-africana.

No massacre de Soweto, era possível enxergar os principais pilares que sustentavam a política de apartheid naquele momento: uma legislação racista, o programa de desenvolvimentos separados e a brutalidade da força policial e de um estado fortemente militarizado.⁹ Entre os dias 16 e 24 de junho de 1976, cento e setenta e seis pessoas foram mortas em conflitos com as forças policiais, e mais de mil e duzentas feridas. Escolas, prédios, bares, centros administrativos e carros de polícia foram queimados e destruídos. Os conflitos se ampliaram e continuaram constantes ao

⁸ Sam Nzima foi, de fato, sistematicamente perseguido pela polícia nos anos seguintes - especialmente depois que a icônica imagem do massacre de Soweto começou a circular também em periódicos internacionais. Foi proibido de fotografar, de entrar em contato com estudantes ou com grupos de mais de três pessoas, e ficou um ano e meio em prisão domiciliar. Sobre os impactos do registro em sua carreira profissional e vida particular, ver MOLOSANKWE, Botho. "Hector Pieteron pic ruined my life". *Iol News*, Joanesburgo, 12 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.iol.co.za/news/south-africa/gauteng/hector-pieteron-pic-ruined-my-life-1531027>

⁹ Para uma análise dos eventos de junho de 1976, ver HERBSTEIN, Denis. *White Man, We Want to Talk to You*. New York: Africana Publishing Company, 1979.

longo daquele ano. Atestavam o surgimento de uma nova geração, de jovens que estavam dispostos a questionar a filosofia política e sistemas sociais que o apartheid havia imposto a gerações anteriores - e esta nova geração contava com um importante aliado: a imagem e sua fácil reprodutibilidade e circulação. Até então, a África do Sul permanecia conhecida por notícias esparsas de sua política segregacionista - a pior delas, provavelmente, o massacre de Sharpeville, de março de 1960.¹⁰ Embora as histórias de violência e opressão pudessem chocar, não eram retratos das ações de uma força policial que avançava sobre crianças protestando por melhores condições de ensino. A morte de Hector Pieterse e o registro feito por Sam Nzima deram início aos anos mais violentos da política de apartheid, mas também mobilizaram a atenção internacional para o que acontecia naquele extremo sul do continente africano.¹¹

2.

O Clube do Bang Bang nunca foi uma instituição formal - foi, ao contrário, um grupo de fotojornalistas que alcançaram a fama registrando aspectos da transição política sul-africana diferentes daqueles que o *mainstream* tentava vender, demonstrando que o período compreendido entre os anos de 1990 e 1994 não fora de uma "transição pacífica" rumo à democracia. Após anos de uma política segregacionista violenta, era de se esperar, afinal, que o apartheid não morresse sereno durante uma noite de sono. Durante esses quatro anos, quatro fotojornalistas cobriram a violência que tomou as *townships* sul-africanas, registrando aspectos do que se queria vendido como *black-on-black violence* - ou seja, uma onda de violência entre os negros sul-africanos em disputa pelo poder na construção da democracia naquele país. Os sul-africanos Kevin Carter (1960-1994), Ken Oosterbroek (1963-1994), Greg Marinovich (1962) e o luso-sul-africano João da Silva (1966)¹² ficaram conhecidos por divulgar as imagens de uma guerra

¹⁰ Em 21 de março de 1960, aproximadamente vinte mil pessoas reuniram-se em Sharpeville, nos arredores de Joanesburgo, para protestar contra o avanço da legislação segregacionista - em especial, contra as *Pass Laws*, ou "leis de passe", que exigiam que sul-africanos negros portassem sempre seu "passaporte", uma caderneta em que eram registrados os locais de emprego e moradia, controlando o deslocamento da população pelo território. O protesto foi barrado pela polícia, que disparou com tiros de metralhadora contra a multidão - sessenta e nove pessoas foram mortas e aproximadamente duzentas ficaram gravemente feridas.

¹¹ Para uma importante reflexão sobre o lugar que o massacre de Soweto ocupa na memória política sul-africana, ver BAINES, Gary. "The Master Narrative of South Africa's Liberation Struggle: Remembering and Forgetting". *The International Journal of African Historical Studies*, vol. 40, n. 2, 2007, pp. 283-302.

¹² Da Silva nasceu em Portugal, em 1966, e mudou-se ainda criança, com sua família, para a África do Sul. Destaca-se que, embora Silva, Carter, Oosterbroek e Marinovich sejam conhecidos como o "Clube do Bang Bang", sua atividade contou com a colaboração de vários outros fotojornalistas - dos quais os mais frequentes eram David Turnley e James Nachtwey.

que se queria silenciosa na imprensa internacional, mas que varria o cotidiano e colocava em risco a estabilidade do projeto democrático no país.

No prefácio do livro que Marinovich e da Silva escreveram, anos depois, contando os desafios e dilemas que enfrentaram durante a atuação no registro dos eventos da transição democrática, fazem questão de desconstruir a impressão primeira, logo nas primeiras páginas, a impressão primeira que a expressão "Clube do Bang Bang" pode dar àquele que a encontra pela primeira vez:

O nome confere a imagem mental de um grupo de amigos vivendo sob duras condições, trabalhando, convivendo e unidos em boa parte do tempo. Vamos deixar claro: isso nunca existiu, nunca houve um clube, e nunca fomos apenas nós quatro, num tipo de culto do halogeneto de prata - dezenas de jornalistas cobriram a violência no período entre a libertação de Nelson Mandela e a primeira eleição totalmente democrática.¹³

O registro fotográfico - o fotojornalismo, em específico - não era, como vimos, uma presença nova na cobertura dos eventos sócio-políticos no território sul-africano: seu uso como forma de ruptura com discursos que se queriam hegemônicos também já havia provado sua validade frente à mídia internacional após o Levante de Soweto, em 1976. Qual era, então, a novidade trazida pelos fotógrafos do Clube do Bang Bang? Atentar para o cenário de radicalização do combate ao apartheid, na década de 1980, e seus impactos na década seguinte podem ajudar a compreender algo do destaque que os quatro fotógrafos ganharam na memória política sul-africana.

Se os anos que se seguiram ao episódio de junho de 1976, em Soweto, estavam longe da lembrança de paz, a década de 1980 trouxe consigo novas práticas políticas para a África do Sul - práticas que reforçavam as ideias de "democracia popular", "poder do povo", "empoderamento", "movimento de massas", "democracia vinda de baixo", entre outras.¹⁴ Como Mahmood Mamdani definiu, tratava-se de um "novo caminho para a libertação", baseado nas experiências cotidianas de pessoas comuns.¹⁵ Além disso, o entorno sul-africano também se modificava, e países como Moçambique, Angola e Zimbábue transformavam-se de "aliados em interesses a opositores

¹³ MARINOVICH, Greg, SILVA, João. *The Bang Bang Club. Snapshots from a hidden war*. New York: Basic Books, 2000 (1997), pp. xiii-xiv. Livre-tradução minha.

¹⁴ Ver SUTTER, Raymond. "The UDF Period and its Meaning for Contemporary South Africa". *Journal of Southern African Studies*, vol. 30, n. 3, 2004, p. 695

¹⁵ MAMDANI, Mahmood. *Citizen and Subject. Contemporary Africa and the Legacy of Late Colonialism*. Princeton: Princeton University Press, 1996, p. 232.

potencialmente hostis”, e os efeitos da crise econômica mundial, atrelados à queda do preço do ouro, lançaram a África do Sul em uma espiral de desemprego; os grandes centros urbanos, saturados, tornavam-se também o destino de grande parte de uma população rural que, em virtude da seca que elevava o preço dos alimentos, deslocava-se para as cidades.¹⁶ Essas intensas transformações moldaram também a reação do Partido Nacional sul-africano – que passou a promover a militarização mais acentuada do estado; a nação sul-africana passou a ser permeada pela ideia de combater as ameaças à suposta estabilidade social perseguindo aqueles que julgava “inimigos externos e internos”.

No campo político, também novas propostas de condução das relações foram apresentadas – a principal delas, talvez, a instituição do tricameralismo. Tentando atenuar as críticas às poucas chances que alguns grupos tiveram, historicamente, de efetiva participação na política no estado nacional, a constituição tricameral de 1983 criava assembleias parlamentares distintas para brancos, *coloureds* e indianos. Cada uma cuidaria, assim, de seus “próprios assuntos” - tais como educação e saúde, enquanto a assembléia composta por brancos manteria maioria dos votos e poder de decisão concentrado.¹⁷ Tratava-se, afinal, de um sistema que se tornou conhecido como “divisão de poder sem perda do controle” - respondia mais às críticas de falta de espaço para participação política do que conferia oportunidades para que essa participação fosse efetiva. Destaque-se, ainda, que a constituição tricameral não abria qualquer participação para a população negra sul-africana - ao contrário, ela acompanhava uma legislação anterior que condicionava a atuação política negra às *townships*: em 1977 foram introduzidos nesses espaços de segregação os Conselhos Comunitários, um corpo de pessoas eleitas pelos residentes de cada *township* e que se tornava responsável por determinadas funções e deveres, tendo suas atividades supervisionadas por um funcionário branco do governo. Em 1982, a estrutura de funcionamento dos Conselhos Comunitários foi alterada pelo *Black Local Authorities Act*, que ampliava a autonomia de gestão das *townships*.

Projetos que esperavam uma passividade dos públicos aos quais se destinavam, tanto o tricameralismo quanto os Conselhos Comunitários nas *townships* fracassaram - em especial porque se tornavam evidentes indicativos de que o governo do Partido Nacional buscava formas

¹⁶ Ver WORDEN, Nigel. *The Making of Modern South Africa*. Oxford: Blackwell Publishing, 2000, p. 139 e NEOCOSMOS, Michael. "From Peoples' Politics to State Politics: Aspects of National Liberation in South Africa" in OLUKOSHI, Adebayo (ed). *The Politics of Opposition in Contemporary Africa*. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 1998, p. 201

¹⁷ WORDEN, Nigel. *op cit*, p.140.

de reestruturar e fortalecer as políticas do apartheid que se desmantelavam frente à resistência interna e às pressões da política econômica internacional. Além disso, diversos movimentos sociais, culturais e políticos se alastravam pela África do Sul demonstrando que passividade era uma postura que se tornara impossível frente à crescente agressividade das relações entre o estado e a população.¹⁸

Foi em meados da década de 1980 que a insatisfação com as políticas do governo sul-africano para as *townships* explodiu em reações que tornariam, anos depois, as fotografias do Clube do Bang Bang famosas. A violência nessas regiões segregadas era cada vez mais dirigida aos membros dos Conselhos Comunitários, que passaram a ser vistos como cúmplices da opressão da população negra, e uma onda de desconfiança marcava as relações - suspeitos de serem informantes do regime de apartheid eram acompanhados de perto e, muitas vezes, julgados em "tribunais populares" que sentenciavam a penas como o chamado *necklacing*, em que um pneu em chamas era colocado no pescoço do sentenciado. Em clima de acirrada disputa, o governo passou a incentivar também ações dos *vigilantes*, responsáveis por proteger não apenas os membros dos conselhos nas *townships*, mas também policiais e comerciantes que eram identificados como apoiadores do regime. No militarizado estado nacional sul-africano, a novidade das ações de grupos como os *vigilantes* residia no fato de representarem uma ação de violência que brotava no interior das próprias *townships* - ou seja, não se falava de um braço diretamente armado do governo que invadia um território, mas sim de membro daquela comunidade que negociavam sua lealdade ao governo em troca de favores específicos - passando, em contrapartida, a vigiar seus vizinhos. Muitos dos *vigilantes* que surgiram nesse período passaram a ser incorporados, pouco tempo depois - entre o final de 1986 e início de 1987 - às forças de segurança como "guardas da comunidade" e "policiais auxiliares".¹⁹

É também na segunda metade da década de 1980 que a atuação do *Inkatha Freedom Party* se intensifica. Inspirado no movimento étnico Zulu que se estabeleceu originalmente na década de 1920, o Inkatha, liderado por Mangosuthu Buthelezi e constituído como órgão político no ano de 1975, assumia um papel de destaque em um momento em que maioria dos partidos políticos havia sido banida do país e concentrava sua atuação, a princípio, em áreas rurais de KwaZulu, enfatizando aspectos tradicionais da cultura Zulu - o que acabou por atrair grande parte dos

¹⁸ Para mais informações sobre os movimentos sociais e políticos que se alastraram pela África do Sul na década de 1980, ver as obras citadas de Michael Neocosmos e Raymond Sutter.

¹⁹ WORDEN, Nigel. *op cit*, p.150.

trabalhadores dessa etnia nas regiões de Durban e do Rand.²⁰ Contrário às ideias de composição de uma África do Sul pluriétnica e de convívio integrado entre brancos e grupos historicamente segregados, o Inkatha desempenharia um papel dúbio durante a transição política de 1990-1994.

O aumento das pressões internacionais e o caos das rebeliões internas logo fariam com que o Partido Nacional percebesse que seu projeto político se tornara inviável na nova configuração sul-africana. Por outro lado, a derrocada do comunismo soviético alimentava a ideia de que a principal força apoiadora do Congresso Nacional Africano de Nelson Mandela enfraqueceria qualquer eventual ascensão que o partido pudesse ter em uma África do Sul que não fosse mais pautada pela política de apartheid - como F. W. de Klerk resumia: "O CNA era um antigo instrumento do expansionismo russo na África austral; sua queda puxou o tapete do CNA, desfazendo sua base de financiamento, aconselhamento e suporte moral".²¹ A certeza de uma fragilidade política do CNA levou à libertação de Nelson Mandela, em 11 de fevereiro de 1990 - com a esperança de que ele se tornasse um parceiro de negociações no período de mudanças políticas.²² A ideia de que o CNA nada mais era do que uma marionete soviética implantada no extremo sul do continente africano, no entanto, logo mostrou-se equivocada: o partido, que voltara a atuar na legalidade em 1990, mostrou-se uma força articuladora maior do que esperavam os membros do Partido Nacional. Na tentativa de barrar a referência política que o CNA havia se tornado, aqueles que apoiavam a permanência das políticas segregacionistas pautadas pelo apartheid passaram a incentivar grupos políticos rivais do partido liderado por Mandela - escolheram, especialmente, o Inkatha de Buthelezi.²³

É neste cenário que se desenvolve aquela que se tornou conhecida como a violência *black-on-black*, ou a violência entre negros: note-se, contudo, que a escolha do termo certamente não foi ingênua. No momento em que se concretizavam as primeiras ações para findar a política de

²⁰ O Inkatha inicialmente apresentou-se como um "braço" do Congresso Nacional Africano, o ANC - mas, na segunda metade da década de 1980, diferentes ideais e formas de conceber as relações entre brancos e negros na África do Sul afastaria os dois órgãos políticos. Destaco que, dada a brevidade deste artigo, as informações apresentadas aqui não apresentam com profundidade todos os elementos que estavam imbricados na África do Sul do período da transição política.

²¹ F. W. de Klerk foi o último presidente branco da África do Sul, governando de 1989 a 1994. *apud* ILIFFE, John. *Africans. The history of a continent*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 286 (2ª edição).

²² Ver MANDELA, Nelson. *Longa caminhada até a liberdade*. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2012.

²³ A complexa rede de negociações políticas estabelecida nos anos iniciais da década de 1990, na África do Sul, é apresentada aqui de maneira bastante sucinta, e com certeza não dá conta de expôr a multiplicidade de agentes e posições em disputa. Para mais informações sobre o tema e sobre o período, recomendam-se HARVEY, Robert. *The Fall of Apartheid: The Inside Story from Smuts do Mbeki*. Hampshire: Palgrave, 2001; JEFFREY, Anthea. *People's War: New Light on the Struggle for South Africa*. Johannesburg: South African Institute of Race Relations, 2009.

supremacia branca estabelecida pelo apartheid, o termo escolhido dava materialidade à ideia de que o Partido Nacional era em verdade o mantenedor da paz social no país - com sua saída do poder e com o fim do regime segregacionista, dias de tensão étnica varreriam o país. Sobre o termo, o arcebispo Desmond Tutu comenta, em prefácio ao livro de João Silva e Greg Marinovich:

(...) Cada vez mais muitos de nós falávamos sobre uma sinistra terceira força, ligada, de alguma forma, ao governo de apartheid e suas forças de segurança, que fomentava a chamada violência *black-on-black*, fazendo com que o governo do apartheid e muitos brancos exaltassem como esses negros claramente não estavam prontos para a democracia e para o poder político. Sempre me intrigou essa obsessão com a chamada *black-on-black violence*, como se uma violência *black-on-white* fosse mais aceitável. E por que ninguém nunca descreveu o que aconteceu no norte da Irlanda ou na Bósnia, no Kosovo, et. al., com seus perversos exemplos de brutalidade, como exemplos de uma violência *white-on-white*? Lá houve apenas violência - então por que *black-on-black violence*?²⁴

Embora possamos pensar que identidades étnicas sejam "imaginadas" ou "historicamente construídas", é importante questionar os momentos e as conjunturas em que elas se tornam o centro das lutas políticas - ou seja, os motivos pelos quais determinados momentos intensificam o resgate dessas identidades como motivadores principais do embate. Explorando, de maneira não-declarada, a diferença entre os discursos políticos do CNA e do Inkatha, o Partido Nacional armava a rivalidade, valendo-se de antigas estratégias coloniais para fragmentar o território sul-africano política e economicamente.²⁵ É esse cenário de rivalidades exploradas e aprofundadas por processos políticos que os fotojornalistas do Clube do Bang Bang registram.

3.

Os fotojornalistas do Clube do Bang Bang podem parecer, num primeiro momento, ilustres desconhecidos ao leitor - é difícil, afinal, ligar os nomes de Kevin Carter, Ken Oosterbroek, Greg Marinovich e João da Silva às imagens que eles registraram. Talvez este seja o principal aspecto que diferencia o trabalho dos fotojornalistas daquele dos fotógrafos, de maneira mais ampla: o limite entre a obra e a autoria, o imbricamento do registro com quem o capta e onde o capta. O fotógrafo que tem também um compromisso jornalístico, um compromisso de *informar*, sabe que

²⁴ MARINOVICH, Greg, SILVA, João. *op cit*, p. x. Livre tradução.

²⁵ O CNA sustentava uma proposta não-racializada de política, disposta a promover a integração dos diversos grupos humanos que constituíam a nação sul-africana, enquanto o Inkatha defendia a superioridade Zulu e a impossibilidade de reconciliação. Para mais sobre o tema e sobre a *black-on-black violence*, ver MELKOTE, Rama S. "'Blacks against Blacks' Violence in South Africa". *Economic and Political Weekly*, vol. 28, n. 23, 1993, pp. 1148-1150.

aquilo que registra será, com grandes chances, lembrado com mais constância do que seu nome atrelado à imagem. Por essa razão, afirmo que o Clube do Bang Bang e seus fotógrafos não estão tão distantes do leitor como ele possa imaginar, e esta imagem surge como comprovação deste ponto:



Figura 2 "Waiting Game for Sudanese Child" - Kevin Carter, Sudão, 1993. Prêmio Pulitzer de fotografia, 1994. Publicado pela primeira vez no New York Times em 13 de abril de 1993.

A imagem que tornou Kevin Carter mundialmente famoso conquistou também o posto de retrato oficial da fome no Sudão, resultado direto da guerra civil que arrasou o território durante décadas a fio.²⁶ Curiosamente, a fotografia de Carter cunhou, em uma geração específica daqueles

²⁶ A chamada "Segunda Guerra Civil Sudanesa" ocorreu entre os anos de 1983 e 2005 (sendo indicada por muitos autores como decorrência direta dos conflitos mal-resolvidos da Primeira Guerra Civil Sudanesa, que se estendeu de 1955 a 1972), e foi resultado dos choques entre a população e a política do governo muçulmano que tentou impôr sua lei à totalidade do território sudanês - inclusive no sul, reconhecidamente cristão. Essa região tornou-se o território que hoje conhecemos como Sudão do Sul, e ainda é herdeira dos fortes impactos que as décadas contínuas de guerra tiveram no cotidiano da população. Para mais informações, ver CUTLER, Peter. "The Political Economy of Famine in Ethiopia and Sudan". *Ambio*, vol. 20, n. 5, Environmental Security, 1991, pp. 176-178 e JOK, Jok Madut, HUTCHINSON, Sharon Elaine. "Sudan's Prolonged Second Civil War and The Militarization of Nuer and Dinka Ethnic Identities". *African Studies Review*, vol. 42, n. 2, 1999, pp.125-145.

que hoje são adultos ou jovens adultos, uma imagem atrelada a todo o continente africano, posto que explora aspectos que são historicamente vinculados aos discursos e práticas imperialistas e colonialistas perpetradas em diversas partes da África ao longo dos séculos: é uma imagem de miséria, pobreza, fragilidade. De fome, morte. Do auxílio que não é visível em qualquer lugar e que precisa partir de um elemento externo, posto que aquele ambiente, no enquadramento da foto de Carter, é composto apenas pela fome e pela natureza - que se apresenta, ao mesmo tempo, árida, indiferente e agressiva, oferecendo o solo que parece estar em vias de sepultar a criança faminta enquanto uma ave de rapina aguarda sua morte.

Ao mesmo tempo em que se tornou a imagem mais utilizada por agências não-governamentais em campanhas de arrecadação de recursos, na década de 1990, a foto de Kevin Carter também colocou-se como ponto de diversas inquietações. Como Arthur e Joan Kleinman indicam, é impossível olhar para a imagem sem querer saber mais - a criança foi abandonada? Por quê? Não há ninguém para protegê-la? Ela sobreviveu? A ave conseguiu o alimento que esperava?²⁷ Paulatinamente, as questões se deslocam da imagem para o fotógrafo - como ele pode chegar tão perto da cena para garantir o registro, sem se sensibilizar com a condição da criança? Ele fez algo pela criança? Conseguiu protegê-la, de alguma forma? O registro da imagem é a expressão de seu talento artístico em harmonia com a ideia de que uma foto é também informação - ou seja, ela confere materialidade ao sofrimento e torna real algo que, se não fosse registrado, permaneceria distante do cotidiano de maioria da população ocidental naqueles anos iniciais da década de 1990 - ou revela apenas a cumplicidade de um estrangeiro com as condições mais profundas que levaram a guerra e a fome à vida daquela criança?

Embora a fotografia feita por Kevin Carter no Sudão, em 1993, não esteja diretamente vinculada às atividades do Clube do Bang Bang na África do Sul, ela nasce de um material comum aos registros da transição política sul-africana, e expõe as mesmas inquietações éticas e morais às quais o fotógrafo estava exposto - quais os limites entre o profissional que precisa registrar a transformação do mundo e o ser humano que pode estender a mão em ajuda?

Em seu registro das experiências que marcaram o Clube do Bang Bang, Greg Marinovich afirma que nada confere maior licença à curiosidade do que uma câmera fotográfica.²⁸ Foi essa curiosidade que o levou às *townships* após a libertação de Nelson Mandela - fato que tornava

²⁷ Ver *The Appeal of Experience; The Dismay of Images: Cultural Appropriations of Suffering in Our Times*". *Daedalus*, vol. 125, n. 1, Social Suffering, 1996, pp. 1-23.

²⁸ MARINOVICH, Greg, SILVA, João. *op cit*, p. 10.

claro que uma nova era havia começado na África do Sul e que o apartheid tinha seus dias contados. As rádios narravam o aumento surpreendente de conflitos em áreas como Sebokeng, Thokoza e Soweto, e parecia impossível ao jovem fotógrafo em busca de ascensão profissional não estar presente nas cenas em que os eventos se desenrolavam. Marinovich lembra que, naqueles dias, um cenário de guerra tomou conta das *townships*, quando Zulus do Inkatha transformaram em fortalezas de combate os *hostels* que abrigavam trabalhadores negros em constante deslocamento em busca de remuneração -

Eu - como maioria das pessoas - não entendia quais as origens da guerra e estava confuso com atos de violência que pareciam indiscriminados. A resposta mais fácil e mais aceita, oferecida pelo governo branco, era de que o CNA estava em uma batalha por poder com o Inkatha - nada mais, nada menos. Mas, muitos anos depois, todas as meias-verdades e evidências finalmente viriam à tona para mostrar que a euforia da libertação de Mandela foi seguida por uma sistemática campanha de assassinatos brutais e terror devidamente planejada, financiada e executada pelas unidades de segurança do governo e pela polícia. Policiais e soldados assassinavam figuras políticas, líderes comunitários e também contratavam gangues para espalhar o terror nas *townships*. O governo branco queria dismantelar a base de suporte do CNA (...) O Inkatha colaborou com o estado branco tentando colocar fim às atividades do CNA e recebeu, secretamente, armas e treinamento militar das forças de segurança.²⁹

Foram imagens desta guerra nas *townships* que Carter, Oosterbroek, Marinovich e da Silva registraram - imagens que comprovavam que a transição política sul-africana passava por aspectos muito diferentes daqueles anunciados pela política dos gabinetes, por acordos e apertos de mão em fotografias oficiais. Os quatro fotojornalistas estiveram presentes nos eventos que seriam reivindicados, anos mais tarde, como fundamentais para que fossem intensificadas as tentativas de apazigar a tensão política que permeava a África do Sul - eventos como o massacre na *township* de Boipatong, a violência no funeral de Chris Hani - líder do Umkhonto we Sizwe, o braço armado do CNA -, o fuzilamento em massa de manifestantes em Bisho, no Ciskei, entre outros.

Além de eventos localizados, as fotos originadas do trabalho do Clube do Bang Bang registravam também o cotidiano da tensão social e política nas áreas mais afastadas dos centros para os quais se voltavam os interesses internacionais. Exemplo emblemático é a série de Ken Oosterbroek que captura a inquietação dos passageiros e operadores da linha de trem que ligava Joanesburgo às *townships*, de 1992 - ano em que 277 passageiros foram mortos e

²⁹ MARINOVICH, Greg, SILVA, João. *op cit*, p. 11. Livre tradução.

aproximadamente 500 gravemente feridos: algumas pessoas foram atiradas aos trilhos, enquanto outras foram feridas por facas, canivetes e armas feitas em casa:



Figura 3. Registro de Ken Oosterbroek, 1992. General News, second prize stories. Disponível em: <http://www.worldpressphoto.org/collection/photo/1993/general-news/ken-oosterbroek>

As imagens que tornaram os fotógrafos do "clube" famosos, no entanto, foram aquelas que mais dialogavam com a ideia do "Bang Bang" a que estavam sujeitos no momento de captura dos registros - situações extremas de violência, que expunham a linha tênue entre vida e morte, entre o desejo de denúncia e o silêncio colaboracionista - como o registro de Greg Marinovich do assassinato de Lindsaye Tshabalala na estação de Inhlazane, em Soweto, ano ano de 1990.³⁰ Tshabalala era suspeito de ser apoiador e informante infiltrado do Inkhata naquela *township*, e foi assassinado por agentes do braço armado do CNA:

³⁰ Para mais do trabalho de Greg Marinovich, ver as coleções digitais da University of Cape Town, disponíveis em: <http://www.digitalcollections.lib.uct.ac.za/best-greg-marinovich> e também o site pessoal do fotógrafo: <http://gregmarinovich.photoshelter.com/index>



Figura 4. Greg Marinovich registra o assassinato de Lindsaye Tshabalala, em Soweto, 1990. A foto recebeu o Prêmio Pulitzer de fotografia em 1991.

As imagens produzidas por Carter, Oosterbroek, Marinovich e da Silva foram herdeiras, de certa forma, da atuação de Sam Nzima no registro da morte de Hector Pieterse durante o Levante de Soweto, em 1976: são registros que rompem com a ideia de um espaço de *neutralidade* do fotojornalista. Nessa ideia, a fotografia de Nzima pode ser vista como um processo de transição, que permitiu a consolidação de um projeto fotojornalístico como o do Clube do Bang Bang - Nzima permaneceu no espaço físico de "neutralidade" do fotógrafo, no hiato que os lados opostos em conflito não ocupam, mas transformou seu registro em um dos maiores símbolos de contestação da violência promovida pela política do apartheid. Carter, Oosterbroek, Marinovich e da Silva, por outro lado, romperam também com o espaço físico da neutralidade, o espaço de segurança do fotojornalista, consolidando uma relação quase simbiótica com os conflitos que registravam. A fragilidade da vida humana parecia ser capturada pela câmera, mas estava também atrás dela.

Não é estranho tomar conhecimento que Ken Oosterbroek morreu atingido por um tiro enquanto fotografava o conflito na *township* de Thokoza, em 1994 - uma semana antes da eleição de Nelson Mandela no primeiro processo democrático realizado no país. Kevin Carter suicidou-se

no mesmo ano, pouco tempo após a morte do amigo - uma série de antigos problemas pessoais e familiares, associada ao abuso de drogas e às críticas que passara a receber pela foto vencedora do Pulitzer daquele mesmo ano somaram-se, culminando no dia em que ligou uma mangueira ao escapamento de seu carro e trancou-se nele. João da Silva trabalhava para o *New York Times* em outubro de 2010, quando pisou em uma mina terrestre enquanto acompanhava soldados norte-americanos em campanha no Afeganistão - perdeu as pernas e passa por processo de reabilitação ainda hoje. Greg Marinovich continua ativo, e seu registro das investigações dos assassinatos de Marikana, em 2012, deve ser publicado em breve.³¹

Esta é, como afirmei nas linhas iniciais do texto, minha aproximação inicial do tema - a ser aprofundado em um projeto mais amplo, que pretende discutir o uso de imagens e do fotojornalismo na consolidação da memória política contemporânea na África do Sul. Recentemente, soube que a trajetória dos fotógrafos que formavam o Clube do Bang Bang foi transformada em filme, a partir da narrativa apresentada por Greg Marinovich e João Silva no livro *The Bang Bang Club - Snapshots from a hidden war*.³² Não assisti ao filme, mas uma inquietação se levanta, de qualquer maneira: por que existe uma facilidade - quase "naturalizada" - em querer saber mais, em consumir aspectos da trajetória de Carter, Oosterbroek, Marinovich e da Silva, mas a trajetória de Sam Nzima, que registrou o assassinato de Hector Pieterse em Soweto, em 1976, não recebe a mesma atenção? Em que medida os quatro fotógrafos que se tornaram famosos pelo registro da extrema violência que varreu a África do Sul entre os anos de 1990 e 1994 não são, eles mesmos, um produto que só foi possível justamente porque gestado na vigência de uma política segregacionista intensa? Num país marcado pela segregação racial, torna-se impossível esquecer que os fotógrafos que se tornaram a principal referência do Clube do Bang Bang eram, afinal, brancos. Conquistaram a atenção internacional - ainda que recebendo críticas profundas ao que passou a ser chamado de "falta de ética" no registro da brutalidade humana. Embora o trabalho do grupo possa ser inserido naquilo que Les Switzer e Mohamed Adhikari chamaram de tradição de uma "imprensa de resistência", é curioso pensar que a própria existência de um

³¹ O massacre de Marikana é conhecido como uma das mais violentas reações das forças de segurança pública contra a população sul-africana desde a década de 1960. Policiais entraram em conflito com mineiros em greve na área de Marikana - e, embora dados precisos quanto ao conflito ainda sejam desconhecidos, estima-se que 44 mineiros grevistas foram assassinados, e mais de 150 ficaram feridos.

³² *The Bang Bang Club*. Canadá, África do Sul, 2010, cor, 106 minutos. Direção de Steven Silver.

trabalho como o registro da violência nas *townships* germine daquilo que queria criticar e expôr.³³ Em que medida o consumo da produção de quatro fotógrafos brancos registrando a violência que permeou os anos entre o final do apartheid e as primeiras eleições democráticas na África do Sul não racializava as relações humanas nos mesmos moldes da política de apartheid, verticalizando as distâncias entre quem conta a história - quem registra - e quem é contado, registrado, fotografado?

Um bom ponto de partida para um próximo artigo, talvez.

Bibliografia:

BAINES, Gary. "The Master Narrative of South Africa's Liberation Struggle: Remembering and Forgetting". *The International Journal of African Historical Studies*, vol. 40, n. 2, 2007, pp. 283-302.

CHIN, Daryl. "From Popular to Pop. The Arts in/of Commerce: Mass Media and the New Imagery". *Performing Arts Journal*, vol. 13, n. 1, 1991, pp. 5-20.

CUTLER, Peter. "The Political Economy of Famine in Ethiopia and Sudan". *Ambio*, vol. 20, n. 5, Environmental Security, 1991, pp. 176-178.

ESSACK, Karrim. "Fourth Anniversary of Soweto". *Economic and Political Weekly*, vol. 15, n. 28, 1980, pp. 1173-1174.

GOLAN, Daphna. "Inkatha and Its Use of the Zulu Past". *History in Africa*. vol. 18, 1991, pp. 113-126.

GUIMARÃES, Vera Maria B. Calazans. "A Mensagem de uma fotografia jornalística". *Studium*, 13, online. Disponível em <http://www.studium.iar.unicamp.br/13/2.html>

HARVEY, Robert. *The Fall of Apartheid: The Inside Story from Smuts do Mbeki*. Hampshire: Palgrave, 2001

HAYES, Patricia. "Santy Mofokeng, Photographs: 'The Violence Is in the Knowing'". *History and Theory*, vol. 48, n. 4, Theme Issue 48: Photography and Historical Interpretation, 2009, pp. 34-51.

HERBSTEIN, Denis. *White Man, We Want to Talk to You*. New York: Africana Publishing Company, 1979.

ILIFFE, John. *Africans. The history of a continent*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 286 (2ª edição).

³³ SWITZER, Les, ADHIKARI, Mohamed. *South Africa's Resistance Press. Alternative Voices in the Last Generation under Apartheid*. Ohio: Ohio University Press, 2000.

- JEFFREY, Anthea. *People's War: New Light on the Struggle for South Africa*. Johannesburg: South African Institute of Race Relations, 2009.
- JOK, Jok Madut, HUTCHINSON, Sharon Elaine. "Sudan's Prolonged Second Civil War and The Militarization of Nuer and Dinka Ethnic Identities". *African Studies Review*, vol. 42, n. 2, 1999, pp.125-145.
- KLEINMAN, Arthur, KLEINMAN, Joan. "The Appeal of Experience; The Dismay of Images: Cultural Appropriations of Suffering in Our Times". *Daedalus*, vol. 125, n. 1, Social Suffering, 1996, pp. 1-23.
- MAMDANI, Mahmood. *Citizen and Subject. Contemporary Africa and the Legacy of Late Colonialism*. Princeton: Princeton University Press, 1996
- MANDELA, Nelson. *Longa caminhada até a liberdade*. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2012
- MARINOVICH, Greg, SILVA, João. *The Bang Bang Club. Snapshots from a hidden war*. New York: Basic Books, 2000 (1997)
- MELKOTE, Rama S. "'Blacks against Blacks' Violence in South Africa". *Economic and Political Weekly*, vol. 28, n. 23, 1993, pp. 1148-1150.
- MILLS, Glenn. "Space and power in South Africa: The township as a mechanism of control." *Ekistics*, vol. 56, n. 334/335, Space Syntax: Social implications of urban layouts. 1989, pp. 65-74.
- MOLOSANKWE, Botho. "Hector Pieterse pic ruined my life". *Iol News*, Joanesburgo, 12 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.iol.co.za/news/south-africa/gauteng/hector-pieterse-pic-ruined-my-life-1531027>
- NEOCOSMOS, Michael. "From Peoples' Politics to State Politics: Aspects of National Liberation in South Africa" in OLUKOSHI, Adebayo (ed). *The Politics of Opposition in Contemporary Africa*. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 1998
- SIMPSON, James G. R. *The Boipatong massacre and South Africa's democratic transition*. Leiden: African Studies Centre/African Studies Collection, vol. 35, 2011.
- SUTTER, Raymond. "The UDF Period and its Meaning for Contemporary South Africa". *Journal of Southern African Studies*, vol. 30, n. 3, 2004, p. 691-701.
- SWITZER, Les, ADHIKARI, Mohamed. *South Africa's Resistance Press. Alternative Voices in the Last Generation under Apartheid*. Ohio: Ohio University Press, 2000.
- WESTLEY, David. "Language and Education in Africa: A Select Bibliography". *Comparative Education Review*, vol. 26, n. 3, 1992, pp. 355-367.
- WORDEN, Nigel. *The Making of Modern South Africa*. Oxford: Blackwell Publishing, 2000. 3ª edição.

Raquel Gryszczenko Alves Gomes: Possui graduação (2006) em História pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado (2010) e doutorado (2015) em História Social pela mesma instituição. Interesses de pesquisa concentram-se nas áreas de História da África, História Contemporânea e literaturas africanas anglófonas e lusófonas, privilegiando temas como políticas de segregação racial, articulação de redes políticas e literárias, legislação, imprensa e ensino de História.

Artigo recebido para publicação em: Maio de 2016.

Artigo aprovado para publicação em: Junho de 2016.